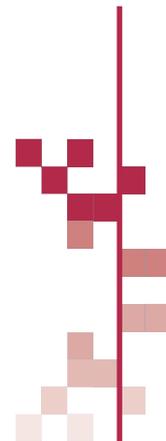


## Resenha



# Temas urbanos da antropologia: cultura, sociabilidades, juventudes e violências

Urban anthropology: Culture, sociability, youth and violence

PIMENTA, C.A.M. (org.). 2009. *Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa*. Porto Alegre, Armazém Digital, 402 p.

Adilson da Silva Mello<sup>1</sup>  
prof.adilsonmello@gmail.com

Luiz Eugênio Veneziani Pasin<sup>2</sup>  
prof.pasin@uol.com.br

A coletânea apresenta-se como ato de homenagem dos orientandos à orientadora, em virtude de sua trajetória intelectual, tendo como fio condutor o vínculo que se estabelece entre a cultura urbana e a ciência da Antropologia.

Trata-se de esforço de registro de uma rica vida acadêmica desenvolvida por Márcia Regina da Costa, com a pretensão de explicitar o seu olhar "mais plural, reflexivo e contemporâneo sobre cultura e antropologia urbana", explorando de forma inovadora temas como violência e as suas dimensões urbanas, culturas juvenis, violência e futebol, ambos envolvendo o cotidiano como campo de pesquisa.

Na vida, existem poucos casos de homenagem póstuma a pessoas que passaram pelas vidas de outras sem, no entanto, se tornarem ícones para a sociedade. Talvez a criatividade transparente ainda seduza o humano.

O livro *Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa* é uma coletânea de textos escritos por alunos do Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientandos da Professora, os quais tratam da temática de sua pesquisa. Nos termos epigrafados na apresentação da obra observa-se que:

*[...] Márcia Regina transitava pelo conhecimento antropológico, sempre de forma inovadora e instigante, que permitia um exercício de orientação mais fluida e com menor grau de imposição. Ela inaugura perspectivas de pesquisas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, traduzidas posteriormente em um grupo de pesquisa denominado Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana [...], que incorpora temas sobre: juventude operária do subúrbio paulistano; fenômeno das torcidas organizadas; formação do jogador de futebol profissional; jogador-problema; atleta de cristo; democracia corinthiana; movimento hip-hop; violência dos jovens da classe média e alta; grupos de extermínio; justiceiros; drogas; dimensões do corpo na atualidade; prisões; segurança pública; sociabilidades virtuais; violência na escola; violência policial; direitos humanos etc. (Pimenta, 2009, p. 12).*

<sup>1</sup> Professor/pesquisador do GEPE-Humanas, no Instituto de Engenharia de Produção e Gestão da Universidade Federal de Itajubá. Av. BPS, 1303, Bairro Pinheirinho, 37500-903, Itajubá, MG, Brasil.  
<sup>2</sup> Professor/pesquisador no Instituto de Engenharia de Produção e Gestão da Universidade Federal de Itajubá. Av. BPS, 1303, Bairro Pinheirinho, 37500-903, Itajubá, MG, Brasil.

As pesquisas variam entre música, futebol, juventude e violência, sendo articuladas de forma provocativa nesta coletânea. Deslocam-se para a porta da frente da academia temas tidos como subterrâneos, secundários e transgressores.

Em termos estruturais, o texto divide-se em três partes: (a) Cultura e Sociabilidades; (b) Cultura e Juventudes; (c) Culturas urbanas e Violência. Estas são integradas por uma apresentação que descreve os artigos destacando a questão do "olhar plural e contemporâneo na cultura urbana".

Na apresentação é destacada a questão das fronteiras de uma coletânea, fruto do Núcleo de Estudos do Cotidiano e da Cultura Urbana que possui, do ponto de vista epistemológico, seus limites ainda em processo de discussão e definição – se é que existe algo definido de forma tranquila no campo da epistemologia.

Na primeira parte da coletânea há, na disposição dos artigos, uma passagem da sociabilidade virtual (*Jogos de RPG na internet: socialidades e sociabilidades on line e off line; Os invasores de Sites*) para a realidade concreta mediada pela questão do corpo (*O Corpo Contemporâneo: visibilidades e modelações; Drogas, encantos e desencantos: o desafio de viver no mundo espetacular*), culminando com as sociabilidades fundadas no corpo (*O corpo contemporâneo: visibilidades e modelações*).

O impacto das tecnologias de informação e comunicação é sentido na vida social, seja no trabalho, no lazer e nas relações entre os indivíduos. A utilização de tais tecnologias gera novas formas de interação, identidades, hábitos sociais, enfim, novas formas de sociabilidade. As relações sociais passam a ser mediadas pelo computador, independentemente de espaço e tempo definidos. São variáveis imprescindíveis para o cidadão neste novo tempo, o qual é denominado das mais variadas formas como era da informação, sociedade pós-industrial, era do virtual ou sociedade da informação e do conhecimento. Daí a importância da primeira parte desse núcleo reflexivo.

O corpo ganha espaço no texto com a ideia de movimento. É por meio do corpo que experimentamos todas as vivências. Um mundo em movimento acelerado vai, necessariamente, impactar o imaginário sobre o corpo, influenciar e interferir nas práticas de relações humanas com o mesmo. Uma das perspectivas dentro da esfera social é o referencial estético que, em muitos casos, está associado à ideia de bem estar sem, necessariamente, ter seus vínculos com o "saudável". Ou ainda, em via oposta, "passa longe do saudável" quando deixa de ser referência. É o caso da toxicomania, fruto de condições sociais de pobreza, aflorando nos sujeitos dependências que podem desencadear traços narcisistas pré-existentes.

Finalmente, o corpo ganha sua dimensão relacional no espaço lúdico do futebol. A questão racial e as contradições sociais não são esquecidas dando aos textos caráter crítico. Os avanços tecnológicos modificam a natureza das experiências, uma vez que agem transformando significativamente a organização social, cultural, espacial e estética das cidades. O individualismo, de uma forma marcante, delinea o nosso modo de pensar o homem, a pessoa e o corpo.

O futebol encerra a leitura das sociabilidades como prática cultural (*Futebol no sul e no interior de São Paulo: resistência étnica e organização popular*), traçando uma comparação entre o processo de implantação do futebol no sul do país e em São Paulo. Refletindo sobre essas diferentes realidades, o autor discute relações sociais como um processo de fortalecimento de lutas e organizações populares. No último artigo dessa primeira parte (*Várzea e sua metamorfose na cidade de São Paulo*), a coletânea encerra discutindo avanços urbanos e sua relação com os espaços conquistados pelo futebol, dando novos contornos a uma prática social que se inseriu nessa nova realidade, porém conservando seu espaço original.

A segunda parte da coletânea delinea as contradições sociais vividas por jovens em diferentes construções culturais. O sonho do futebol e os sentidos produzidos por ele compreende a preocupação do artigo que abre essa seção (*O Sonho na Sociedade Contemporânea: juventude e futebol*). Por essa rede de significados construída, o futebol se torna um projeto de vida, principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram em casa algum jovem com talento para o esporte. Os investimentos familiares se transformam em histórias de sacrifício e dedicação que podem resultar em frustração na biografia de muitos daqueles que se aventuram nesse sonho. A espetacularização é um fenômeno midiático da sociedade contemporânea e amplia a relação de tensão entre o indivíduo e o coletivo.

Por meio de um estudo comparativo entre as cidades de São Paulo e Lisboa (*Periferização e estigmas: um estudo comparativo entre negros portugueses e brasileiros*), essa segunda parte da coletânea segue apontando a discriminação da população negra e relacionando-a com um processo de desqualificação social gerado por estigmas que se ancoram nos referenciais das respectivas sociedades e por "políticas públicas" fundadas na "periferização controlada" das relações sociais dessas populações.

Na continuidade dessa segunda parte, o texto resgata o Hip-Hop como elemento cultural produzido que ocupa as lacunas que a educação formal não conseguiu preencher, gerando um espaço de referência para os adolescentes, em que estes desenvolvem um sentido de comunidade que fundamenta um sentido de identidade radicalizado na experiência social, cultural e étnica (*Trilhos Urbanos: jovens griots do terceiro milênio e a metrópole*). Diferentemente da escola, o conhecimento é gerado por meio das vivências dos seus integrantes. As experiências destes em trabalho coletivo geram o aprendizado que acontece no âmbito da comunicação oral e é carregado de representações e tradições culturais.

Na sequência (*Desvendando o cotidiano adolescente numa escola pública da periferia de São Paulo*), por conta da incapacidade de pensar a escola como cotidiano e processo, apreende-se que a instituição não percebe a multiplicidade cultural e de identidades conviventes dentro de um mesmo espaço. Cultura parental e cultura institucional, comunidade e escola vivem em constante conflito. Existem obstáculos nas instituições escolares formais que impedem a comunicação entre a escola e a família e impedem a comunidade local de participar da comunidade escolar com as suas subjetividades e a sua intervenção.

Em um mundo no qual a globalização das referências acontece reforçando e proliferando culturas particulares, as juventudes, por sua vez, apontam demandas que dizem respeito a comportamentos e estilos de vida específicos, numa tentativa de criar referências culturais alternativas à cultura padrão. Tudo isso se encontra inserido em práticas que se expressam por meio de elementos concretos investidos sobre o corpo, gosto musical e experiências. As culturas juvenis são formações sociais que relacionam sensibilidades e escolhas culturais com o intuito de que se permita desenvolverem redes relacionais de proximidade recriando novas cenas urbanas e processos de filiação a grupos sociais (*Relatos etnográficos à meia-noite: o universo estético dos góticos na cidade de São Paulo*). A cultura gótica é uma entre as culturas juvenis. No caso dos góticos, o início se deu entre as novidades criadas a partir do pós-punk. A autora procura desvendar os códigos que retratam a memória desses grupos.

Fechando a segunda parte, o texto (*Violência e medo na vida cotidiana: reflexões para o debate*) afirma transformações no campo do sentimento de insegurança e o fortalecimento de um imaginário do medo no mundo moderno, os quais têm relação com a ascensão da violência. Essas questões estão cada vez mais sendo realçadas nas discussões e produções atuais, na mídia, nas universidades, nas escolas, no cotidiano das pessoas, em virtude de suas consequências e da aparente falta de controle de que se revestem.

O aumento da violência ou seu tratamento inadequado podem contribuir para o desenvolvimento desse imaginário. A vida vem se tornando cada vez mais difícil à proporção que a violência se desenvolve e medidas de proteção são tomadas isolando, paulatinamente, o cidadão do mundo que o cerca.

Na terceira parte do texto, a discussão acontece no campo cotidiano da violência explícita e no das consequências das diferentes formas de pensar sua solução. No primeiro texto dessa reflexão (*Justiceiros: violência e justiça*), a autora procura evidenciar que a violência gera desdobramentos que chegam às vias de implantação de práticas não oficiais de "justiça". A autora discute a prática dos "justiceiros" como fruto de uma realidade desigual e contraditória da sociedade brasileira, gerada por racismo, exclusão, desigualdades e ausência do Estado. No imaginário local, os justiceiros são considerados "profissionais do crime", pois impõem ordem social recebendo apoio da comunidade (por respeito ou medo). Trabalhando com autores como René Girard e Roger Dadoun, a autora afirma que a violência contamina esses sujeitos sociais na medida em que se inserem no ciclo da vingança, perdendo, por sua vez, o sistema judiciário (substituto do sistema sacrificial e racionalizador da vingança) como via da justiça.

Em um segundo texto (*Direitos Humanos: uma conquista histórica de direitos para a humanidade*), a pesquisadora trata da questão dos direitos humanos, a partir de uma análise teórico-conceitual jusnaturalista, em que propõe um diálogo com as sociedades primitivas com objetivo de apontar caminhos que consolidem um Estado comprometido com valores dos direitos humanos. Neste conjunto argumentativo, busca fundamentação teórica em autores como Hobbes, Locke, Clusters, Girard e Hannah Arendt, entre outros.

Com o texto *A cultura da violência na formação policial*, a coletânea confere ao tema uma discussão sobre as raízes da prática da violência em uma instituição oficial de manutenção da ordem. Afirma que a formação dos policiais civis (cidade de Teresina) se funda em uma "zona de orquestração moral" marcada por ideais de masculinidade, virilidade e sexismo, defensores da ordem social. O autor trabalha o processo de formação, a relação entre policiais e novatos. Termina o artigo, afirmando a necessidade de maior discussão na formação e na flexibilização das grades destes cursos e no compromisso de professores com o processo democrático.

Em *Por um olhar antropológico do combate: as relações de poder e resistência no Pavilhão Oito da Casa de Detenção de São Paulo*, o autor faz uma leitura da sociabilidade carcerária, seus símbolos e construções de poder fundadas nas relações dos sujeitos sociais que vivem aquela realidade prisional.

Concluindo a coletânea, o texto *Do Cárcere à Rua: o percurso e o método* trabalha as consequências do desencarceramento e analisa as dificuldades de conviver com os estigmas desse processo. A condição de ex-presos carrega consigo o peso da sociabilidade carcerária e, conseqüentemente, afeta a reconstrução de elementos fundamentais da vida cotidiana tais como as relações formais de trabalho, de lazer, de família. Nesse processo, o autor ressalta que a emancipação dessa condição de ex-presos se dá por meio do trabalho, da literatura, da arte ou mesmo do empreendedorismo autônomo. A liberdade é vista como um processo, uma luta social travada no interior da sociedade.

A coletânea trata de temas aparentemente periféricos que a Antropologia urbana vem resgatando nos últimos anos. Além do mais, a variação dos artigos apresenta uma experiência da diversidade, possibilitando a presença unificadora dos parâmetros ligados ao elemento urbano.

A troca implícita entre diferentes artigos interligados por eixos, o reconhecimento da multiplicidade de usos temáticos e olhares interpretativos faz parte da tensão de uma coletânea. Mas esbarra, por outro lado, na dificuldade de expor, de forma completa, o processo de argumentação de cada autor, tendo em vista que os textos sintetizam uma dissertação ou tese de doutorado.

Com efeito, a coletânea apresenta experiências cotidianas afirmando o quadro de contrastes exacerbado pela heterogeneidade e desigualdade social e cultural, pela fragmentação e compartimentação de espaços e vivências, pela violência, pela degradação e perversa distribuição de renda e dos poderes coletivos.

Em tese, a proposta da coletânea dá uma noção segura, embora panorâmica, do esforço de uma pesquisadora em fundar um campo da Antropologia, em suas perspectivas urbana e cotidiana, que "'desvela' os caminhos dos nomadismos modernos" (Pimenta, 2009, p. 13), como sugere a produção da homenageada.

Na predisposição de síntese, cabe afirmar que os autores conseguem trabalhar em seus textos, experiências sociais sem o romantismo anacrônico de certas reflexões sobre "sociabilidade" e, ao mesmo tempo, explicitar um campo de possibilidades interpretativas e investigativas ao urbano e à antropologia necessários ao entendimento das tramas presentes no cotidiano das cidades.